



**Universidade Federal do Pará
Campus Universitário de Altamira - Polo de Placas
Faculdade de Etnodiversidade
Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Linguagem e Códigos**

CAROLINY ANDRADE VIEIRA DA SILVA

**As consequências do Êxodo Rural para a produção e reprodução
social familiar na comunidade camponesa na Comunidade Bela
Vista km221**

PLACAS – PA
JANEIRO DE 2019

CAROLINY ANDRADE VIEIRA DA SILVA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Etnodiversidade como requisito básico para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Orientação: Prof., Dr. André Santana.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)**

S586c Silva, Caroliny Andrade Vieira da Silva
As consequências do Êxodo Rural para a produção e
reprodução social familiar na comunidade camponesa na
Comunidade Bela Vista km221 / Caroliny Andrade Vieira da
Silva Silva. — 2019.
XXXVII, 37 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. André Ribeiro de Santana Santana
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de
Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2019.

1. Êxodo Rural. Educação, Família, Direito. I. Título.

CDD 400

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por me ter dado saúde para enfrentar a trajetória acadêmica.

Agradeço a minha família por me apoiar nos momentos difíceis.

Agradeço ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Placas por nos apoiar no transporte para executar a prova de seleção do curso.

Agradeço a Universidade por nos proporcionar uma educação diferenciada, com excelente quadro de profissionais que se tornaram nossa família.

Agradeço ao professor e Dr. Mario Joé Henchen por contribuir com meu TCC.

Agradeço a comunidade Bela Vista e Escola Belarmina Soares por me ajudarem nos estágios.

Agradeço meus colegas de turma pela troca de experiências.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. André Santana por me direcionar nesta etapa de decisão acadêmica.

Agradeço ao meu sogro Milton Aparecido da Silva por me ajudar, aconselhado durante o meu percurso.

Agradeço a professora e Dr. Raquel Lopes, Valter Luciano, Ana Paula e Denise por deixarem esse tempo mais divertido e cheio de aprendizagem, carinho e amor.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	8
2 Metodologia	12
3 Resultados e Discussões:	13
3.1 PORQUE AS FAMÍLIAS CAMPONESAS SAEM DO CAMPO?	24
3.2 ÊXODO RURAL, A QUALIDADE DE VIDA E A EDUCAÇÃO DOS FILHOS NA COMUNIDADE BELA VISTA?	26
3.3 CASA FAMILIAR RURAL COMO ALTERNATIVA DE EDUCAÇÃO E PARA PERMANÊNCIA DOS JOVENS NO CAMPO?.....	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS:	32
Referências	34

Resumo

Esta pesquisa tem como finalidade descobrir os motivos que levam os agricultores saírem do campo e se deslocarem para cidade, descreve as dificuldades encontradas pelos mesmos em busca de uma vida melhor e uma educação de "qualidade". O objetivo desta pesquisa foi investigar o que causa o êxodo rural na comunidade Bela Vista, e o que pode essa mudança interferir na educação das crianças e adolescentes. Usei neste artigo como referência autores que contribuem com o tema, entrevistem com famílias do campo e da cidade, além dos relatórios dos tempos comunidade. A pesquisa mostra as dificuldades e os benefícios de permanecer na zona rural.

Palavra chave: Êxodo Rural. Educação, Família, Direito

1 INTRODUÇÃO

Optei por falar sobre quais são as consequências do êxodo rural para a produção e reprodução social familiar na comunidade camponesa na Bela Vista km221, pois vi a necessidade de propor um debate sobre o que leva o agricultor familiar a deixar o campo e ir para a cidade, nesta em busca de melhorias da qualidade de vida. Observo nas localidades rurais que o número de moradores jovens no campo vem diminuído devido à migração destes para a cidade, em busca de oportunidades de trabalho e educação de qualidade acesso às novas tecnologias que no campo não são ofertadas, com isso, acabam perdendo o contato com a cultura de cultivar e produzir seu próprio alimento, de ter suas criações, de trabalhar na terra e principalmente, a importância da sua permanência no campo, oferece uma qualidade de vida superior ao mundo urbano segundo pesquisa.

Para quem mora na zona rural há vários obstáculos para sua permanência: ausência de políticas públicas que contemple suas demandas, além da dificuldade de acesso ao crédito, assistência técnica, tratamentos de saúde, uma escola que tenha como projeto atender as suas reais necessidades de conhecimento e informação, em função do modelo atual de escola, no entanto segundo o artigo 28 da LDB em seus três incisos, em que respeita e valoriza a cultura local diz que:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I. Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II. Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III. Adequação à natureza do trabalho na zona rural. IV. Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; V. Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; VI. Adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Mesmo com esses requisitos estabelecidos pela Lei de Diretrizes e Base (LDB), não tem sido aplicado de forma íntegra na comunidade em questão, deixando assim sua cultura, até mesmo da própria comunidade ser esquecida, pois a escola não vê o tão precioso que é sua história de criação, uma pequena vila da zona rural.

Ao deslocarem-se para a cidade encontram desafios que talvez não impossibilite sua vida, mas criem dificuldades enormes. Mas mesmo assim, eles sobrevivem com péssimas condições de trabalho, causando acúmulo de pessoas na zona urbana, principalmente nas escolas urbanas, nas quais podem ser verificadas turmas de 40 alunos. “. Tomamos como base a concepção de formação como um processo em permanente construção, permeada de contradições e determinada por condições objetivas e subjetivas, em que os sujeitos sociais vão constituindo” (Vendramini, 2004, p. 159).

Em função também do esvaziamento do campo, as escolas ali localizadas, muitas vezes, funcionam com um número reduzido de alunos e é constantemente ameaçada de fechamento, isso quando não já fechadas, em função do número de alunos nestas matriculados. A falta de assistência para a família camponesa os desmotivam, pois muitas vezes se veem obrigados a concordar com tudo por não saber seus direitos, segundo o Art. 6 da constituição de 1988: são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e a infância, a assistência aos desamparados, na forma da constituição.

No município de Placas não tem uma política de desenvolvimento rural, que supra as necessidades do (a) agricultor (a) familiar. Ao observar a população da comunidade, notei que boa parte destas vivem de atividades não agrícolas, pois se encontram na condição como funcionários público, aposentados e trabalhadores sem carteira assinada. Com os relatórios do I ao III, tempos comunidade, realizados na vila Bela Vista km 221 pude perceber que há vários fatores que causam o êxodo camponês, já que as famílias se veem forçadas a partir para as cidades e vilas mais próximas para que seus filhos tenham acesso à educação, deixando de viver e ensinar aos seus filhos como é a lida de uma propriedade, a plantação e colheita de lavoura anual e perene, criação de animais de pequeno e grande porte.

A vida saudável que o campo proporciona apesar do trabalho que é exigido no meio rural, diferentemente da vida na cidade que mesmo tendo uma horta em seu quintal, vários mantimentos devem ser comprados. Por isso, há necessidade de fazer essa pesquisa, para tentar compreender os processos sociais que forçam a migração, suas causas e consequências, suas limitações, bem como, do ponto de

vista do campesinato local, as dificuldades e considerando-se suas trajetórias de vida, seu domínio técnico, seus saberes, sua cultura, dentre outros aspectos, ligados estes a sua condição camponesa, e seu modo de vida.

A cidade pode ser vista como mais atrativa e dinâmica do que o campo, as pessoas em busca de progressos deixam a zona rural muitas vezes não possuem escolaridade e muito menos alguma especialização como a sociedade urbana exige o conhecimento necessário para o desempenho de atividades de trabalho, características ao mundo civil e em função disso acabam se submetendo a empregos com baixos salários, isso quando se tem uma renumeração. Também são inseridos em outros tipos de serviços como diárias ou empreitas nas propriedades rurais de terceiros, como para os grandes proprietários do agronegócio que se vem alastrando em nossa região na produção de grãos (soja, milho e arroz).

Ainda que mantidas algumas especificidades da vida no mundo rural, observamos que as fronteiras entre o rural e o urbano estão cada vez dissipadas, tendo em vista a penetração do capitalismo no campo e a transformação das relações sociais, a submissão direta ou indireta ao capital, a transformação do latifúndio, o avanço das agroindústrias e da integração dos pequenos produtores rurais, a produção para o mercado nacional e internacional, a utilização de terra como reserva de valor e, especialmente, a imposição do assalariamento na sua forma mais perversa de exploração: trabalho temporário, "diarista", sem carteira assinada e sem direitos e garantia. (Vendramini, 2003, p.153)

Desde que ingressei na universidade busquei sempre nos meus relatórios introduzir a agricultura familiar, pois faço parte de uma família que busca em todos os momentos não perder a tradição de plantar e colher seu próprio alimento tanto para consumo próprio como para seus animais e em alguns casos como fonte de renda. Durante esta convivência aprendi muito o campo, e com o apoio de profissionais da Universidade Federal, através dos tempos comunidades e universidade contribuíram para dar continuidade à minha trajetória, me proporcionado ver a sociedade com outros olhos.

A força de trabalho da família é o que move a agricultura, a troca do agricultor que cultiva a terra preparando, adubando e plantando recebe em troca o privilégio de colher um alimento saudável e viçoso, de poder trabalhar uma cultura retirando seu próprio sustento, tendo orgulho do seu trabalho. Este é dividido entre todos os membros da família, considerando-se a atividade a ser realizada, a capacidade física de quem irá realizá-la, além da habilidade necessária para o desempenho de tal tarefa, para que a mesma tenha êxito, e seja bem-sucedido o procedimento nas

tarefas diárias, além de que, os agricultores produzem seu próprio alimento que também serve como fonte de renda para a família.

A comunidade unida pode alcançar perspectivas de melhoria de vida, se juntas buscarem o melhor para seus filhos como, por exemplo, a educação principalmente o ensino adquirido em casa com seus parentes e antepassados contribuem para um desenvolvimento caracterizado por uma cultura.

(...) pela sua vinculação as questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as resoluções exigidas por questões a qualidade social da vida coletiva no país. (Diretrizes operacionais para educação básica do campo, 2002, p.37)

Olhando de outra perspectiva, ao consumirem parte daquilo que produzem, contribuem, de forma significativa, com a diminuição dos custos da produção familiar, liberando, desta forma, parte da receita com as vendas da produção, para investimento em produtos, ferramentas, insumos ou alimentos que não podem ser produzidos no interior de suas propriedades. Com a diminuição das famílias no campo e o acúmulo destas na cidade, a cultura do campo de produzir, diminui em grande escala, porém alguns continuam com alguma prática agrícola como, por exemplo, o cacau, pimenta e o gado, mesmo assim acaba afetando na educação das crianças que perdem o contato com outros tipos de produção.

OBJETIVOS

- ✓ Compreender as implicações do êxodo rural para educação nas comunidades do campo.

- ✓ Investigar as causas que levam muitos agricultores familiares a saírem da área do campo e quais as possíveis implicações para o aprendizado de seus filhos em que isso prejudica na educação de seus filhos.
- ✓ Averiguar as relações entre o êxodo rural, a qualidade de vida e a educação dos filhos e das famílias que permanecem no campo.
- ✓ Apresentar propostas de possíveis alternativas para aumentar as condições de probabilidade de manutenção dos jovens camponeses no campo, tendo como referência a Casa Familiar Rural.

2 Metodologia

Neste trabalho optei pela abordagem qualitativa¹ para analisar a saída ou permanência das famílias agricultoras do campo, pois pude perceber a dificuldade que muitos encontram para continuar neste. Segundo Minayo (2003), “a abordagem qualitativa requer pesquisa de campo com procedimentos de coleta de dados utilizando roteiros com questões abertas”. A mesma autora identifica a diferença entre o que trabalha a pesquisa qualitativa e a quantitativa.

MINAYO, (2012, p.21) [...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos.

A pesquisa qualitativa executada na comunidade Bela Vista km 221, com alguns moradores do lugar abordam momentos nos quais eles descrevem seu cotidiano, suas expectativas de vida em que contribuiu para poder chegar o mais próximo possível da sua realidade.

As pesquisas realizadas na comunidade Vila Bela Vista, km 221, no município de Placas, no Estado do PA, durante a realização das atividades dos tempos comunidades do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, e nos tempos-universidade, proporcionaram novas bases teóricas, interpretativas, para um

conhecimento mais profundo da vida do agricultor familiar, da sua cultura e de sua história, bem como das representações, das lutas nas quais estes sujeitos estão inseridos, na busca tanto da produção quanto visando garantir sua reprodução social enquanto camponeses. Foram ao todo, seis famílias e dois alunos da casa familiar rural, tendo quatorze entrevistados todos maiores de idade com o sexo predominante masculino, tendo sido assinado um termo de consentimento por parte dos participantes.

O roteiro para entrevistas contém questões sobre: as dificuldades e as melhorias encontradas pelas famílias para permanecer no campo; o que levam elas a alternarem entre o campo e a cidade; o porquê deixar o campo para viver na cidade; o que tudo isso pode ocasionar ou afetar as próximas gerações; se a educação das crianças é de acordo com o meio em que vivem ou simplesmente segue o currículo de forma idêntica para todos, tanto para campo quanto para a cidade. As entrevistas foram realizadas com dois tipos ou situações familiares: agricultores que moram no campo e cujos filhos estudam nas escolas da comunidade e agricultores que moram no campo e seus filhos estudam na cidade.

Os dados serão apresentados em dois momentos, um descrevendo conforme a família contando sua trajetória e sua experiência de vida. Em seguida respondendo e argumentando com as próprias falas dos entrevistados três questões que mais chamaram atenção durante a pesquisa.

3 Resultados e Discussões:

Primeira família.



Figura 1 Damiana e sua família. Fonte Caroliny Andrade. Fevereiro de 2019.

A família de dona Damiana morava na chácara há 10 km da Vila Bela Vista, tinham outra expectativa de vida, pois plantava arroz, feijão, macaxeira, milho e tinham algumas galinhas no terreiro, que, além de carne e seus ovos também eram fonte de renda. Quando necessário comercializavam farinha, melancia na safra, e as redes de pesca confeccionada pelo esposo e por sua filha caçula Fabiane, a maior fonte para seu sustento é a bolsa família.

Na vicinal que ela morava só tinha estudos até a terceira série do ensino fundamental, iniciou a quarta série na comunidade Bela Vista km 221, seu pai ao leva-los fazia um percurso todos os dias de casa até a BR, pegar o transporte escolar, distância percorrido pelo pai e filhos ao ir e volta era treze quilômetros acabavam atrasando ele nas suas atividades do campo, sem falar que era muito difícil essa trajetória, havia uma necessidade de estudar e vendo o sofrimento dos filhos para chegar à escola se viram obrigados a mudarem para a comunidade mais próxima.

Quando chegaram tiveram que alugar uma casa, a mãe foi trabalhar de doméstica e a filha ao seu lado, no dia que a mãe não tivesse condições de ir a filha ficava em seu lugar até que começou a trabalhar como babá, na hora que “apertava” o que salvava era o recurso do programa bolsa família, quando as coisas ficavam difícil seu pai se deslocava até a chácara de seu sogro e plantava alimentos para os

filhos não passarem necessidades enquanto estes trabalhavam na comunidade, quando terminaram o ensino fundamental mais um obstáculo, escolher entre estudar o modular ofertada na vila ou irem para a cidade, escolheram ir para a cidade mesmo com a prefeitura não querendo fornecer o carro para transporte da vila até a cidade pelo fato de haver o modular na comunidade.

Alguns dos pais se reuniram e foram até a prefeitura solicitar o transporte para aqueles que haviam decidido estudar na cidade, o problema do Modular era a falta de professores, às vezes alunos passavam de ano e quando houvesse a disciplina que estava dependente eles pagavam, assim ultrapassava os três anos para concluir segundo os pais. Não significar dizer que a jornada para cidade iria ser diferente, outros problemas apareceram como fala dona Damiana: “[...] *muitas vezes meus filhos passavam horas na beira da estrada esperando o carro passar, para irem a escola até que alguém passava e avisava que estava quebrado ou sem óleo e eles voltavam pra casa [...]*”. Os pais tinham interesse de colocarem seus filhos na casa familiar rural, porém por serem carentes não tinham condições de pagar a mensalidade cobrada pela casa. A educação deve ser valorizada compartilhada onde todos possam ter acesso a ela, fala dona Damiana: “[...] *gostaria que meus filhos tivessem uma educação boa, e que aprendessem a valorizar os livros, porque não tive a oportunidade que elas estão tendo de poder estudar*”[...].

Segunda família.



Figura 2 Ivam e sua família. Fonte Caroliny Andrade. Fevereiro de 2019

O senhor Ivam e sua família moravam na vicinal da 58, plantava arroz, feijão, macaxeira, abobora e tomate, para seu consumo e para venda. Seus filhos vinham a pé sete quilômetros até a BR, pegar o transporte e chegar à escola da vila. Com o passar do tempo adoeceu e ficou sem condições de permanecer na vicinal teve um prejuízo, pois não podia trabalhar, seu Ivam disse: “[...] *tinha uma grande plantação de tomate, por ter ficado doente fiquei sem condições de estar sempre olhando os tomates, deu uma praga que acabou com tudo, não tiver uma assistência técnica para me ajuda na hora que mais precisei [...]*”. Mudou-se para a vila para que seus filhos e neta pudessem estudar, e, ao chegarem começam do zero, plantaram macaxeira, abobora, abacaxi, milho; produziram uma horta contendo alface, cheiro verde, rúcula, couve, tomate, manjericão e cebolinha. Vendo que sua produção estava em boas condições foi até a secretaria de agricultura ver se poderia fornecer para a merenda escolar.

Com muitas reuniões entre Empresa de Assistência e Extensão Rural (EMATER), Secretaria de Educação e Secretaria de Agricultura ele conseguiu o que desejava, vem fornecendo há cinco anos, macaxeira, banana, laranja, hortaliças etc. O transporte escolar passa em frente de sua casa, seus filhos já concluíram os estudos agora ajudam no campo quando não estão nos seus serviços na cidade

como servidores sem carteira assinada, a família vê a agricultura familiar como lugar de sobrevivência e cultura.

A família diz que quando sua neta terminar o ensino fundamental tem como objetivo enviá-la para cursar o ensino médio na Casa Familiar Rural (CFR), pois acredita que tendo um apoio maior sobre seu modo de vida fará com que sua cultura não se perca, com a criação de uma educação para o meio rural.

Na década de 60, a fim de atender os interesses da elite brasileira, então preocupada com o crescimento de favelados nas periferias dos grandes centros urbanos, a educação rural adotada pelo Estado como estratégia de contenção do fluxo migratório do campo para cidade. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, em seu art. 105, estabeleceu que "os poderes públicos instituirão e aporarão serviços e entidades que mantenham na zona rural escolas capazes favorecer a adaptação do homem ao meio e o estímulo de vocações profissionais. (Brasil.2007.p.11)

Com o apoio do governo para conservar estes no campo, tendo uma escola que atendem suas necessidades tanto culturais como o do currículo que é exigido, faz com que jovens se modernizem nos conhecimentos e tragam para seu berço inovações. Seu Ivam: *"[...] queria que meus filhos e netas dessem continuidade a minha história na roça, meu hoje me ajuda bastante ele trabalha na cidade, mas sempre está aqui pra me ajuda e sempre traz novidades que às vezes confessor que não intendo, mas ele traz para nosso benefício, para melhora nossas plantações [...]"*.

Terceira família.



Figura 3 família. Fonte Caroliny Andrade. Fevereiro 2019

Esta família morava na vicinal 57 e também mudaram para vila há três anos para dar a oportunidade de estudo as filhas, mas mantêm o lote na vicinal em que retiram se próprio consumo além das pequenas criações. Na chácara dispõe de uma plantação de cacau que e a renda familiar, “[...] *minhas filhas, meu marido e eu sempre estamos na colheita de cacau às meninas ajudam no período que não estão na escola [...]*”. Uma dificuldade encontrada pela família é o sol quente que dificulta seu trabalho, porém acreditam que a vida no campo, mesmo com dificuldade, tudo que se planta com carinho esforço e gratidão a terra o retribui com uma produção magnífica que é seu sustento. Segundo Caldart (2004) o processo de construção da identidade de fato, é:

...um aprendizado humano essencial: olhar no espelho o que somos e queremos ser; assumir identidades pessoais e sociais, ter orgulho delas, e enfrentar o desafio do movimento de sua permanente construção e reconstrução. (CALDART: 2004, p.42)

Segundo os pais as filhas iriam para casa familiar rural dando continuidade na realidade vivida pela família, em que acreditam que nesta instituição irá fortalecer e ajudar a construir sua identidade, seus valores, modo de vida e principalmente seu modo de viver como agricultores.

Quarta família.



Figura 4 Natânia e sua família. Fonte Caroliny Andrade. Fevereiro 2019.

A família quando moravam no lote na vicinal do pajoba plantavam apenas arroz, criava galinha para consumo e gado para venda. O transporte escolar passava em frente da sua casa, no entanto, o cansaço e o desânimo e querendo ter uma vida melhor, pois no campo trabalhava de sol a sol, fizeram com que se mudasse para a vila onde residem até hoje. Hoje são donos de um bar ao lado de sua própria casa com uma estrutura considerável boa para se viver, onde atendem a todo o momento, pois fornecem gasolina para venda. Natânia diz: “[...] *sempre estou em casa tomo conta do bar e fico sempre na frente não tenho muito que fazer, mas não sinto saudade do lote não e nem quero que os meninos vá pra lá, eles ficam comigo [...]*”

O lote é apenas para criar o gado, quando houver uma emergência vende-se o gado, e os filhos não pretendem voltar para o campo, querem ir para a cidade, pois no campo o trabalho é dobrado e não querem isso para suas vidas, passam a manhã na escola, chega ao meio dia e vão dormir, depois brincam no celular. Sua filha mais velha terminou o ensino fundamental, ingressou no ensino médio na cidade, não optou pela casa familiar rural por não ter conhecimento de como funciona e por que seus filhos não querem se envolver com o campo, Dadá “[...] *não tinha muito interesse de eles irem para lá não porque iam ficar dias longe de casa além de estudar ainda ia ter que trabalhar lá [...]*”. Alegam que tanto faz continuar na comunidade ou ir para cidade o conteúdo e o mesmo, as avaliações e métodos seria

para todas as escolas, “Os conteúdos curriculares seriam selecionados em função dos conhecimentos, dos valores, e dos interesses das classes dominantes” (NOGUEIRA :2002, p. 12). Portanto acredita que ir para a zona urbana dará melhoria de vida a eles. E quando precisam de dinheiro vendem gado e compram todos os mantimentos no comercio local.

A família alega que a vida no campo é difícil principalmente para os jovens, por em muitos casos, sofrerem alguns tipos de preconceitos por parte de algumas pessoas da cidade que os taxam como por exemplo: “colonheiro”, (pessoas que vivem na colônia), e estes se sentirem enquadrado em um grupo de pessoas desfavorecidas perante a sociedade. Segundo o art. 3 da constituição do Brasil:

Constituem objetivos fundamentais da república federativa do Brasil: 1- constituir uma sociedade livre, justa e solidaria; 2- garantir o desenvolvimento nacional; 3- erradicar a pobreza e a marginalização, reduzir as desigualdades sociais e regionais; 4- promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e qualquer outra forma de discriminação.

Entretanto este artigo não é bem aceito pela sociedade em que vivemos, pois por todos os lados independentemente das pessoas há vários tipos de preconceito.

Quinta família.

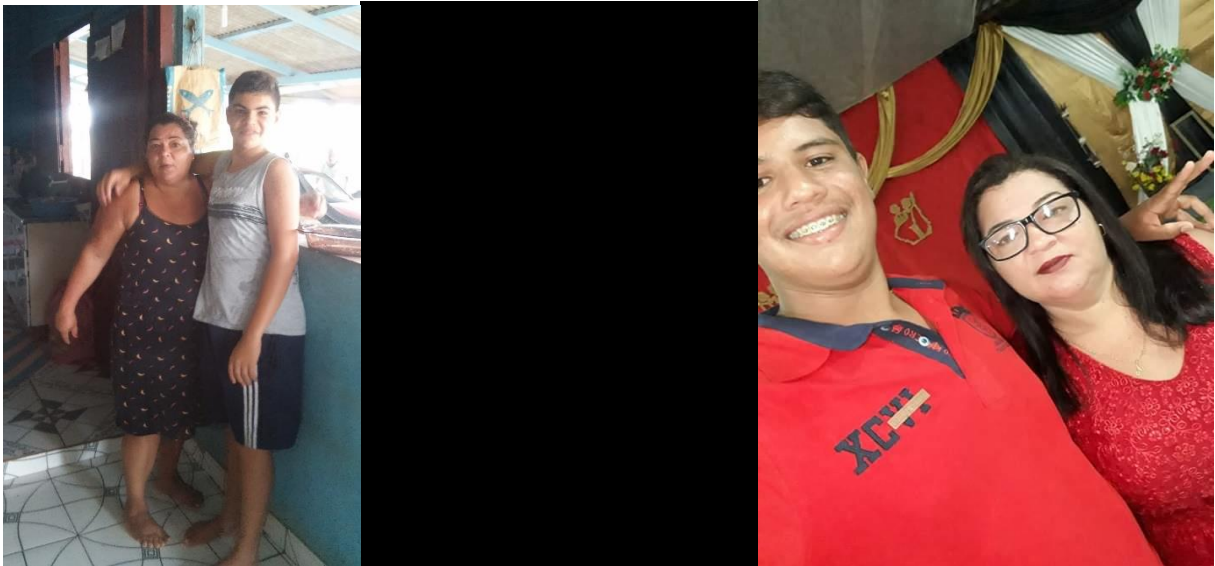


Figura 5 Marilene e seus filhos. Fonte Caroliny Andrade. Fevereiro 2019

Segundo a família moravam na vicinal do Pajoba, a seis quilômetros da comunidade Bela Vista, onde plantavam arroz, milho e macaxeira para o próprio consumo, além de suíno, e pequena criação de galinhas e poucas cabeças de gado. Há quatorze anos foi chamada para lecionar no programa Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) que era forma de alfabetizar aqueles que precisavam. Sua maior dificuldade com esse projeto era o trajeto do lote até a vila, pois andava quatorze quilômetros todos os dias, até que se casou e veio morar em definitivo na vila, deixou o campo e passou a lecionar quase trinta anos. A mesma informa que em nenhum momento insere as temáticas ligadas a vida do campo como referência nas suas aulas. Como docente que exerce na escola do campo deveria seguir conforme determina LDB no Atr.13:

I- estudos a respeito da diversidade e o efetivo protagonismo das crianças, dos jovens e dos adultos do campo na construção da qualidade social da vida individual e coletiva, da região, do país e do mundo. II-propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso ao avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades

democráticas.(BRASIL,2002)

Na escola Belarmina Soares, na qual tem sido local de pesquisa dos tempos comunidade, a mesma da assistência às escolas anexas que abrange as famílias entrevistadas, ainda falta por parte dos professores e da coordenação pedagógica inserir a diversidade existente entre os alunos e suas culturas.

Mesmo tendo o acesso a algumas novas tecnologias seria importante ter esse contanto da diversidade que há dentro de uma sala de aula, tantas experiências distintas, que não se pode deixar de lado. Seu primeiro filho já concluiu o ensino médio em Placas, e, no momento está em casa até conseguir entrar na universidade de engenharia civil. Já seu outro filho inicia o primeiro ano no (Sistema Educacional interativo) SEI, optou por ficar perto de sua família já que aqui fornecia o ensino médio. Os pais acreditam que foi boa a vida no sitio, porém não querem que seus filhos tenham a vida que eles tiveram, na cidade acreditam eles, que proporciona algo melhor como o acesso a escolas, saúde, lugares de lazer, internet e outros, coisas que o campo não fornece em todas as localidades.

Sexta família.



Figura 6 Milton, filho e netos. Fonte Caroliny Andrade. Fevereiro 2016.

Senhor Milton, pai de aluno agricultor, morador desta localidade há 22 anos, e, que fala para mim que não se pode deixar perder a tradição, a sua cultura. Ele busca sempre mostrar para os netos o que aprendeu com seus avôs e seus pais. Decidiu vir para o Pará porque teve uma tradição de trabalhar na roça desde que moravam no Paraná. Morou em São Paulo, onde trabalhou como empregado, mas sempre vinha na lembrança de ter sua própria terra e poder se ver livre do patrão e também do meio urbano, onde pudessem produzir o próprio alimento. Senhor Milton “[...] *a saída de São Paulo não foi fácil, pois deixei minha família, pai, mãe e meus irmãos, mas sabia que aquele momento era crucial para minha vida, tinha que vim em busca de novas oportunidades de alcançar meus objetivos que era uma vida tranquila [...]*”.

Chegando à vicinal do Lama, em 1981, tudo era muito difícil, não se tinha nenhuma vaca pra tirar leite, tinha que ir a cidade comprar alguma coisa, a única moeda de troca era a galinha. No ano de 1997, foi chamado para ir para vila km 221, para tentar fazer funcionar o projeto de açaí, que no final não deu certo, por várias falhas na elaboração do projeto inicial. Neste período adquiriram a terra que moram hoje, através do INCRA, trabalhando com agricultura familiar no sistema sem o uso do agrotóxico. Ele tem orgulho de dizer que, é agricultor e com toda a dificuldade pelo caminho seus filhos concluíram o ensino, e um já é formado, todos

trabalham no campo com o apoio de um trator que eles conseguiram financiar; preparam a terra, adubam e planta, para sua fonte de renda e para próprio consumo, e por esse motivo ele defende que os nossos jovens devem ter uma formação continuada para que não se esqueçam de suas culturas e tradições. Neste sentido (KOLLING e CERIOLI, 2002, p.133), citado por Caldart, confirma com a pedagogia no cuidado com a terra seu aprendizado é significativo:

“Ver a terra como sendo de todos que podem se beneficiar dela. Saber cuidar da terra; saber respeitar a natureza; saber cuidar da saúde do ser humano na relação com a terra; aprender a tratar das sementes como “patrimônio da humanidade”, cuidar das águas, lutar pela soberania alimentar; aprender do processo de fecundação da terra algumas lições de pedagogia: *cuidar da semente pra que a vida nos dê flor*; educação também como cultivo, intencionalidade de acompanhamento, persistência...”.

Com isso se todos se preocupassem com que realmente é importante em desenvolver uma semente livre de qualquer uso de agrotóxico, cultivar com adubos orgânicos ter consciência de cuidar e repor suas vitaminas colher alimentos saudáveis que proporcionaram uma qualidade para ser humano. Milton diz; [...] *vivo em um sítio planto, crio animal às vezes é difícil muito trabalho, mas amo está com as mãos na terra amo dizer que sou agricultor [...]*.

Durante a investigação realizada com as famílias, me vi a necessidade de responder três perguntas que me apontaram problemas que essas famílias enfrentam para continuar ou sair do campo.

3.1 PORQUE AS FAMÍLIAS CAMPONESAS SAEM DO CAMPO?

Segundo esta pesquisa, realizada na comunidade Bela Vista Km 221, uma das principais problemáticas observadas é a educação, o fechamento das escolas do campo, o desconforto do transporte escolar, falta de assistência técnica, apoio para comercialização entre outros que no decorrer serão explanados. Segundo o art.28 parágrafo único:

O fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela secretaria de Educação, análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar. (Brasil,1993).

Com essa nova Lei a situação das escolas do campo mudariam, porém algumas das escolas próximas da comunidade fecharam. O senhor José disse que:

“[...] a escola aqui da vicinal que moro, fechou já faz dez anos, eles alegam que a escola foi fechada por falta de aluno, mas creio que foi para não ter gastos com professores [...]”. Os alunos precisaram se deslocar para as agrovilas ou até mesmo para a cidade sede do município para estudar, utilizando-se, na maioria das vezes, de um transporte precário e estradas em péssimas condições de trafegabilidade levando assim um tempo muito grande da saída de casa a chegada à escola. Outros problemas relatados pelas famílias entrevistadas são devido à falta de assistência na saúde e a falta de oportunidades em créditos e assistência técnica para a produção ou até mesmo quando se produz outra barreira é a da comercialização de seus produtos.

Devido o acesso das estradas vicinais até a cidade ser precário estes se submetem a venderem aos atravessadores. Algumas destas famílias que vão para as agrovilas ou para a cidade, continuam com vínculo com suas terras, mas isso se dá através dos anfitriões da casa, Dadá *“[...] meus filhos mais velhos, que ainda vai até o sitio do meu sogro para planta ou quando é tempo de colheita para ajuda ele e nos ajudar com mantimentos que eles trazem do sitio [...]”*. Pois os mais jovens estão estudando ou trabalhando em outras áreas diferentes da agricultura. A preocupação da sociedade hoje é ter trabalhadores formados ou especializados, e os pais se veem obrigados a formar este filho para o “mundo”, pois muitos deles não voltam para casa.

A cada dez moradores desta localidade um volta e aplica o conhecimento que buscou fora, para auxilio seus pais, prova disso é a família do senhor Milton Aparecido da Silva. Mesmo com todas as dificuldades encontradas citadas acima não desistiu de seus bens, formou seu filho engenheiro agrícola e este retornou para o sitio no qual seus pais residem, trabalha na cidade, mas ao final do expediente volta para o sitio ajudar seu pai com lavouras e animais, e, desta forma vai mantendo a tradição de cultivar a terra e colher tudo aquilo que esta mesma oferece por ser bem tratada. Filho do senhor Milton, engenheiro agrícola disse: *“[...] passei seis anos morando na cidade de Santarém trabalhando e estudando na universidade, foram anos difíceis longe da família, saudades de casa, assim que me formei retornei para meu berço. Hoje só tenho a agradecer meus pais pela formação que me deram, por terem me ensinado que podemos trabalhar fora, mas está*

sempre em contanto com a terra, não deixando nossa cultura acaba. Que a educação pode ser vinculada com nosso dia a dia [...].

3.2 ÊXODO RURAL, A QUALIDADE DE VIDA E A EDUCAÇÃO DOS FILHOS NA COMUNIDADE BELA VISTA?

Segundo as famílias, a qualidade de vida mudou em alguns aspectos que afeta direta ou indiretamente sua maneira de viver, ao deixar de produzir seu próprio alimento sem uso de agrotóxicos e passando a comprar mantimentos enlatados existem consequências que agem principalmente na saúde dos indivíduos, e as crianças, segundo eles são as mais afetadas, mãe de aluno (*“meu filho depois que conheceu o tal salgadinho só vivia comendo escondido, vivia passando mal e não sabia o que era ate que fizemos exame e constatou que era salgadinho era alérgico”*) pois através das mídias que e um meio que ilude e induzem a compra de mantimentos industrializados que prejudicam ao invés de alimentos saudáveis, além de que ao se deslocarem para as agrovilas ou cidades, estão sujeitos de serem escravos de si mesmos, dependendo do dinheiro que o mesmo deve ganhar ao trabalhar sem descanso, para almejar seus objetivos.

Por outro lado, às novas tecnologias chamam a atenção dos jovens do campo, principalmente a infraestrutura da cidade que é encantadora vista dos olhos dos jovens como (ginásios, praças barzinhos, escolas com bibliotecas e sala de informática, entre outros). Não significar que no campo não exista beleza, que agrada os jovens, mesmo com o trabalho pesado, você poder cultivar e colher seu próprio alimento e com isso ensinar seus filhos o “caminho certo” e a sua cultura tendo em sua propriedade paisagens incríveis. Alguns pais que conseguem enviar seus filhos para a cidade em busca de aprendizado, quando se formam e retornam ao campo procuram aplicar o seu conhecimento adquirido ao longo processo de aprendizado trazendo novas tecnologias que irá auxiliar no desenvolvimento da propriedade. Segundo Caldart (2003, p. 17), um “processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, gestado desde o ponto de vista dos camponeses e da trajetória de luta de suas organizações”.

Mas para isso acontecer deveria ter uma escola do campo para o campo e um apoio para que estes tenham a possibilidade de permanência e essa não valorização e a precariedade da educação dos filhos é a fonte do êxodo rural, pois, em busca de uma educação de qualidade os pais tiram os filhos de suas terras para que possam chegar até as escolas, e este trajeto muitas vezes é cansativo para os alunos que chegam à sala de aula, esgotados e ainda se deparam com “alguns” profissionais que não se interessam em desenvolverem atividades criativas que ajude os alunos a concluir com sucesso a atividade. Uma das principais questões da escola é que seguem à risca o currículo, não inserem a realidade dos jovens nas disciplinas para estes tenham um desempenho melhor aprimorando seus conhecimentos. E o que vemos no mundo atual que o que está proposto para a sociedade é ser escravo do dinheiro, formar pessoas que se submetem-se, que não se manifestam apenas seguem o que foi ordenado.

3.3 CASA FAMILIAR RURAL COMO ALTERNATIVA DE EDUCAÇÃO E PARA PERMANÊNCIA DOS JOVENS NO CAMPO?



Figura 7, CFR (casa familiar rural). Fonte Caroliny de Andrade, Abril de 2011.

A Casa Familiar Rural de Placas foi fundada no ano de 2006 atendendo um público de alunos do Ensino Fundamental, no ano de 2010, iniciou-se uma turma de Ensino Médio com 46 (Quarenta e seis) alunos matriculados. Neste ano a Fundação Viver Produzir e Preservar – FVPP cedeu 01 Técnico em Agropecuária, 01 Engenheiro Agrícola, 01 Agrônomo, 01 Pedagogo e os professores no Núcleo Comum do Ensino Médio. No ano de 2011 foi implantado um laboratório de informática com Internet Banda Larga.

A Casa Familiar Rural tem como objetivo dar uma alternativa ou perspectiva para os filhos dos agricultores, com a formação do ensino fundamental e médio, por meio da pedagogia da alternância. Acredita-se que este é um meio dos jovens do campo não perderem suas raízes com a terra. Dessa forma, os pais não perdem seus ajudantes no campo e seus filhos tem como refletir sobre o que é trabalhado em sua propriedade e tem como decidirem o que estudar para facilitar o seu desenvolvimento, entusiasmo em continuar seu estudo se preparado para os desafios existentes no decorrer da vida, capaz de identificar problemas inerentes e procurar resolvê-los.

Segundo Batistela, 1997 com o apoio da família seu desenvolvimento e aprendizado é alcançado com mais excelência tendo a participação da família no meio intelectual, e coletiva. A mesmo autor identificar a importância dos pais para a educação;

A família é suporte da ação educativa no meio rural, primordialmente em dois planos: 1-No plano intelectual: Cada família participa na formação de seu filho, seja através do levantamento de sua realidade e acompanhamento de experiência, seja na discussão dos elementos apontados. 2-No Plano em associação, a família é a parte ativa na gestão da escola, da educação e da formação dos filhos BATISTELA, (1997, p.48).

Por esta razão é de suma importância a participação da família no âmbito escola, no desenvolvimento dos jovens e adolescentes, pois é através dessa troca de experiência que se forma grandes indivíduos capazes de enfrentar os desafios decorrentes da vida escolar. Os pais têm como função junto da escola trazer a realidade vivida pelo aluno para sua roda de conversa em que se discutem alternativas para complementar ou resolver o que está por faltar. É através da

família que o jovem do campo reconhece sua cultura, suas tradições e a sua história de luta, algo que não se pode deixar perder.

A Casa Família Rural do município de Placas trabalha através da pedagogia da alternância que é um meio em que retira um dos principais problemas das escolas tradicionais que seria a separação entre a vida escolar e o ambiente familiar. A CFR é totalmente diferente, ela oferece não apenas um estudo exigido pelas normas à base comum, mas também a base técnica e familiar, pois as trocas de conhecimento entre escola e casa, ajuda no desenvolvimento do aluno e no seu desempenho, assim fortalecendo os laços familiares de cultivo nas propriedades e desenvolve o seu lado empreendedor que faz com que o discente construa suas opiniões e formem conhecimentos para melhora seu desempenho na propriedade.

No tempo escolar os alunos aprendem disciplinas teóricas e experimenta pratica agrícola e pecuária fácil de ser aplicada em comunidade e a família. A primeira turma a se formar na casa familiar de Placas concluiu o curso em fevereiro de 2013, uma turma de doze alunos, todos jovens agrícolas moradores do campo optaram por estudar na CFR porque o ensino era diferenciado; alternava quinze dias na escola aprendendo a teoria e quinze dias na propriedade exercendo a pratica junto da família, onde tinha mais tempo de trabalhar nas atividades do campo. Segundo estes alunos a CFR tinha um excelente quadro de profissionais tanto na base comum como na técnica, havia a possibilidade de se formar em técnico agropecuário.

Ao entrevistar algum dos alunos da primeira turma, estes dizem que a CFR contribuiu muito com seu desempenho e crescimento perante a sociedade como pessoas pensantes e reesponsáveis pelos seus atos, pensando o conceito de Fernandes (2002, p. 46), quando o mesmo diz:

A educação para ser uma forma de libertar os indivíduos, tornando-os mais críticos e conscientes, não pode ser apenas um meio de transmissão de uma cultura. Ela, educação, precisa nascer desta cultura, ter suas raízes nesta cultura. A função cultural da escola continua sendo uma função secundária e até ignorada. Em consequência, o ensino ministrado transmite um conhecimento formal e desvinculado da realidade social da maioria da população que ela frequenta, apresenta conceitos vazios de significados por se encontrarem distantes da cultura real do povo, longe da dinâmica dos grupos sociais, principalmente do campesinato.

A educação tem como finalidade libertar o indivíduo abrir sua mente jamais submeter à outra em relação a trabalho, respeitando as culturas existentes e a diversidade de cada um. Que aprenderam principalmente na base técnica, onde aplicaram em suas terras e mantiveram as tradições de seus pais em permanecer como agricultor familiar, segundo um ex-aluno; (...) *“meu pai e eu tínhamos muitas dificuldades para fazer algumas atividades em nossa terra, após ter ingressado na CFR muita coisa mudou as técnicas que o professor nos orientou ajudou muito no desenvolver nossas atividades”*(...), se mantendo na terra e não sendo obrigado a se desfazer dela. Na CFR há o PPJ (Projeto Profissional do jovem) como se fosse uma prova em que cada um está sujeito a fazer de sua propriedade, ou seja, ficam três anos estudando e ao final do curso eles têm que apresentar um projeto de vida de produção dentro da propriedade baseado naquilo que ele aprendeu e na disponibilidade de sua propriedade.

Por isso é de suma importância para que os jovens comecem a ver sua propriedade como um local de investimento e, conseqüentemente, de lucro, fazendo sua permanência no campo. Os discentes tiveram projetos de conservação do meio ambiente entre outros, porém nenhum dos alunos conseguiu concretizar o PPJ porque quando se foi aos financiadores como o Banco da Amazônia se deparou com várias burocracias que acabou prejudicando concluir o seu projeto principalmente por conta de documentações exigidas pelo financiador. Os alunos ao concretizar o ensino médio na CFR alegam terem saído com uma bagagem muito extensa principalmente na base técnica.

A Casa Familiar Rural foi para alguns o caminho para entrar nos movimentos sociais que ingressou na universidade, ex-aluno: (...) *após ter terminado o ensino médio na CFR tive conhecimentos necessários que me proporcionaram com que entrasse na Universidade Federal Pará (UFPA) (...), no curso de Educação do Campo, que através do sindicato poderiam se escrever e tiveram a oportunidade de dar continuidade no desenvolvimento como pessoa e como consciente que o campo é essencial para a vida do agricultor familiar. A instituição é um exemplo de não haver êxodo rural, muitos vendem suas terras em busca de uma educação de qualidade para seus filhos e com as CFR eles continuam na terra e seus filhos tem aprendizado de qualidade, ex-aluno; (...) “a casa familiar teve um grande papel na minha vida, por conta dela até hoje moramos no campo, porque se eu tivesse que*

estudar na cidade meus pais tinha vendido nossa terra”(...) os pais tiveram um grande papel mediante a formação dos seus filhos durante o ensino médio e após terem se formado, apoiaram seus PPJ independentemente do resultado. CALDART diz que a educação é um processo que contribui com pessoas que ali habitam:

... a Educação do Campo faz o diálogo com a teoria pedagógica desde a realidade particular dos camponeses, mas preocupada com a educação do conjunto da população trabalhadora do campo, e, mais amplamente, *com* a formação humana. E, sobretudo, trata de construir uma educação *do* povo do campo e não apenas com ele, nem muito menos *para* ele. (CALDART: 2004, p. 18)

A formação de técnico agropecuário por uma parte deu certo aprenderam muitas técnicas em que aplicaram e continuam ampliando na propriedade algumas deram bem outras nem tanto por conta de divergências de ideias. Por outro lado, o que deixa muito triste os jovens que vem se arrastando por vários anos e que a regularização do CREA, eles nunca receberam, estão preparados como técnicos agropecuários, contudo perante a documentação que não tem em mãos e apenas um curso. Já as famílias que dependem totalmente da cidade se veem em alguns casos presos em um meio sem volta, pois ao venderem suas terras, compram casas na cidade.

Se não conseguirem serviço na prefeitura opta por ser mão de obra barata, já a educação de seus filhos fica restrita, pois é oferecido o mesmo conteúdo em todos os lugares não importando o local que esteja sendo ofertado, pois sempre segue o currículo, só muda o professor. A LDB de 1961 revela uma preocupação especial em promover a educação nas áreas rurais para frear a onda migratória do campo para as cidades, gerando crescimento dos cinturões de pobreza, hoje existente nos grandes centros urbanos. Já a LDB de 1971 (lei nº. 5.692/71), sancionada pelo Regime Militar, coloca como função central da escola a formação para o mercado de trabalho, ou seja, produção agrícola. (BRASIL, 2007, p.16)

No entanto, os jovens que saem do campo ao chegarem à cidade se deparam com várias visões espetaculares como diriam os jovens, fácil acesso à internet, lugares de encontro entre outros, mas assim como tem coisas boas também tem ruins, jovens se envolvendo com coisas perigosas que influência, outros ficam violentos com a própria família e alguns deixam de estudar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao concluir esta pesquisa, posso dizer que meus objetivos foram alcançados em todos os espaços administrados, descobrir vários obstáculos que levam os agricultores deixarem ou permanecerem em suas terras, as problemas que seus filhos atravessam para ter acesso à educação, a diferença da qualidade de vida de quem vive no campo e quem é submetido a ir para cidade, os prejuízos que a cultura camponesa vem perdendo no decorrer dos anos, mas também envolver estes indivíduos em algumas possibilidades de propostas possíveis como casa familiar rural para que os jovens continuem no campo. Acredito que se houverem políticas públicas voltadas para os filhos do campesinato, assistências para os pais com suas criações e plantações, escolas que realmente esteja interessada a necessidade do alunado, em conhecer novos conteúdos do mundo atual, mas sem deixar de estudar sua cultura, sua comunidade e professores habilitados em Educação do campo que amem o que fazem que seu objetivo seja realmente o ensino e aprendizado daqueles que hoje são sem dúvida esquecidos por parte dos nossos governantes.

Que os pais sejam mais frequentes nas escolas para verem o que seus filhos estão estudado como é seu tratamento tanto professor e aluno como aluno e professor. Que a educação seja sempre prioridade dos pais, da escola e da sociedade, pois uma pessoa para ser desenvolver deve sempre receber uma educação de todos os ambientes em que estão inseridos. Um meio de formação de recuperar e reconhecer sua cultura camponesa, neste sentido seria o currículo mínimo que deveria ser pensando de acordo com cada região e suas necessidades de transformação, na escola desempenhando historicamente suas raízes do saber do mundo, e da experiência do seu dia a dia. Sabemos que é dever do Estado garantir os direitos para todos, principalmente garantir educação do campo e não deixa em responsabilidades de comunidade. Os jovens do campo deixam a escola na maioria das vezes por encontrar um desafio todos os dias para chegar à instituição e um dos objetivos visados pela educação do campo e vincular a cultura e a família que se caracteriza como agricultura familiar em que transporta para uma

sala de aula à troca de experiências assim fortalecendo o conhecimento dos mesmos.

Por fim, o Curso de Educação do Campo veio para soma, uma educação diferenciada utilizando nossas experiências de campo para fortalecer nossa riquíssima cultura, desta forma formando profissionais capazes de repassar com domínio os conteúdos pedagógicos, ensinar respeitando as diferenças e o mais importante tendo profissionais para escolas do campo, o êxodo rural na comunidade diminuiria significativamente, se houver profissionais e tendo a oportunidade de trabalhar nas escolas do campo, conseguiriam suprir as reais necessidades de cada aluno. Firmo aqui meu compromisso com a educação diferenciada para ajuda no desenvolvimento e aprendizado daqueles que precisam ensinar o caminhar a percorrer juntos a educar.

Referências

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. IN. DESLANDES, Suely Ferreira; **GOMES**, Romeu. Pesquisa Social: Teoria, Metodologia e criatividade. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Brasil.**Lei 12.960/2014**.Disponivelem:[http://www.planalto.gov.br /ccivil_03/Ato2011-2014/2014/Lei/L12960.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2011-2014/2014/Lei/L12960.htm#art1). Acesso em 31-03-2019, as 21:08.

BRASIL.CNE.**Diretrizes Operacionais para a Escola Básica do Campo**. Brasília,2002. Disponível em www.mec.gov.br. Acesso em 31 mar 2019.

KOLLING, Edgar Jorge; Osfs, Paulo Ricardo Cerioli e Caldarte, Roseli Salete **Educação no Campo: Identidade e Políticas Públicas**. Coleção Por uma Educação do Campo, nº 4. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. **Educação no Campo: diferenças mudando paradigmas**. Brasília: MEC, 2007.

CALDART, Roseli Salete. “Elementos para a construção do projeto político-pedagógico da educação do campo.” IN: JESUS, S. M. S. A. de; MOLINA, M. C. (orgs.) **Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo**: Brasília/DF: Universidade de Brasília, 2004, p. 13 – 52. Coleção Por uma Educação do Campo, n. 5.DAMASCENO, M. N.; TERRIEN, J. (Coord) **Educação e Escola no Campo**. 1ed. Campinas: Papirus, 1993.

FERNANDES, Ovil Bueno. **Educação, Cultura e Sociedade**: Abordagens Críticas da Escola. Goiânia: Edições Germinal, 2002. 42

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. “A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. ” **Educação e Sociedade**. [online]

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade. Resolução CNE/CEB n.1,de 3 de Abril de 2002. Institui as diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 9 de Abril de 2002.Seção 1, p. 32.

CADART, R. S. Elementos para construção de um projeto político e pedagógico da educação do campo. IN: Molina, M.C.; Jesus, S. M. S. A. *Por uma educação do campo: contribuições para construção de um projeto de educação do campo*. Brasília, DF: Articulação Nacional "Por uma educação do campo", 2004, p. 13-52.

Campinas, abr., v.23, n.78, 2002. [citado 20 Fevereiro 2005], p.15-35. Disponível <<http://www.scielo.br/> Acesso em: 03 de maio <https://www.senado.leg.br> acesso 07-06-2019 às 05h41min.

VENDRAMINI, C. R. A escola diante do multifacetado espaço rural. *Perspectiva*, Florianópolis, V. 21, n. 1, p.145-166, jan.- jun. 2004.

APÊNDICES

Questionário para TCC:

- 1- Qual seu nome?
- 2- Quantos moradores residem nesta casa?
- 3- Qual sua última morada?
- 4- O que produziam lá?
- 5- Como era a escola e o ensino de seus filhos?
- 6- Como se deslocava até a escola?
- 7- Qual sua maior dificuldade do cotidiano e educacional?
- 8- Porque mudou de comunidade?
- 9- Qual sua dificuldade ao chegar aqui?
- 10- Como é a escola nova e o conteúdo é referente à vida de vocês?
- 11- Qual sua fonte de renda?
- 12- Há ajuda por parte do governo?
- 13- O que o campo proporciona na sua vida e de sua família?
- 14- O que a cidade pode contribuir para sua vida e de sua família?
- 15- Qual a maior dificuldade que seu filho encontrou na escola?
- 16- Você vai sempre a instituição?
- 17- O que o campo tem para oferece que a cidade não?
- 18- É importante viver no campo? Se não por quê?
- 19- Você ver a CFR como referência para que os jovens permaneçam no campo?
- 20- Após concluírem o ensino médio seus filhos pretendem ingressa na universidade?
- 21- Você concorda com o conteúdo que é repassado na escola? Se não por quê?
- 22- O que precisaria para melhorar a vida no campo?
- 23- O que você acha sobre o Curso de Educação Do Campo?